



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

DEBORAH DE SOUSA MARTINS

**O ESPAÇO OCUPADO PELO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS:
ANÁLISE À LUZ DA BNCC NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE
2022**

DEBORAH DE SOUSA MARTINS

**O ESPAÇO OCUPADO PELO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS:
ANÁLISE À LUZ DA BNCC NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras-Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Ma. Jéssica Thaiany Silva Neves

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M386e Martins, Deborah de Sousa.

O espaço ocupado pelo ensino de Língua Inglesa para crianças [manuscrito] : análise à luz da BNCC na etapa da educação infantil / Deborah de Sousa Martins. - 2022.
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Jéssica Thairany Silva Neves , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Educação Infantil. 2. Ensino aprendizagem. 3. Língua Inglesa. 4. Práticas pedagógicas . I. Título

21. ed. CDD 372.24

DEBORAH DE SOUSA MARTINS

O ESPAÇO OCUPADO PELO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS:
ANÁLISE À LUZ DA BNCC NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras-Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciatura em Letras-Inglês.

Área de concentração: Linguística
Aplicada.

Aprovada em: 08/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

Jéssica Thaiany Silva Neves

Prof.^a Ma. Jéssica Thaiany Silva Neves (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,0

Karyne Soares Duarte Silveira

Prof.^a Dr.^a Karyne Soares Duarte Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,0

Daniela Gomes de Araújo Nóbrega

Prof.^a Dr.^a Daniela Gomes de Araújo Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,0
MÉDIA: 9,0

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1- Círculo de Kachru | 9 |
| Figura 2- Linha do tempo dos documentos oficiais | 11 |
| Figura 3- Grupos etários na etapa da educação infantil | 15 |
| Figura 4- Objetivos dos campos de experiência. “O eu, o outro e o nós” | 16 |
| Figura 5- Música “Me!” de Super Simple Songs | 17 |
| Figura 6- Objetivos dos campos de experiência. “Corpo, gestos e movimentos” | 17 |
| Figura 7- Objetivos dos campos de experiência. “Traços, sons, cores e formas” | 18 |
| Figura 8- Objetivos dos campos de experiência. “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.... | 19 |
| Figura 9- Livro de Eric Carle | 20 |
| Figura 10- Objetivos dos campos de experiência. “Espaços, tempo, quantidades, relações e transformações” | 21 |

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EI- Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LE – Língua Estrangeira

LI – Língua Inglesa

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 8 |
| 2.1 O inglês como língua global e franca | 8 |
| 2.2 Breve contexto da educação infantil no Brasil e do ensino de Língua Inglesa | 10 |
| 2.3 A importância da LI na educação infantil | 12 |
| 3. BNCC E SUGESTÕES DE ENSINO DA LI | 14 |
| 3.1 A etapa da educação infantil e os campos de experiências | 15 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| REFERÊNCIAS | 23 |

**O ESPAÇO OCUPADO PELO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS:
ANÁLISE À LUZ DA BNCC NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**THE PLACE OCCUPIED BY ENGLISH LANGUAGE TEACHING FOR
CHILDREN: ANALYSIS IN THE LIGHT OF BNCC IN THE
CHILDHOOD EDUCATION STAGE**

Deborah de Sousa¹
Jéssica Thaiany Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre as possibilidades de ensino de LI na educação infantil a partir da BNCC, especificamente i. identificar os objetivos dos campos de experiência voltados à educação infantil descritos na BNCC; e ii. apresentar sugestões de práticas pedagógicas destinadas à aprendizagem de LI relacionadas aos objetivos da educação infantil. Além disso, esta pesquisa é categorizada como documental inserida no paradigma qualitativo, utilizamos como corpus de análise a BNCC (2018). Como aparato teórico utilizamos Crystal (2003), Cameron (2001), a Lei de Diretrizes e Bases (1996), Ortiz (2003) entre outros. Por fim, percebemos que o inglês vem conquistando seu espaço no ensino infantil com bons resultados e que apesar de não estar incluso no currículo da educação infantil é possível ser ensinado para crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Aprendizagem; Língua Inglesa.

ABSTRACT

This work has the general objective to reflect on the possibilities of English Language (EL) teaching classes in early childhood education according to BNCC, specifically i. identify the objectives of the BNCC fields of experience for childhood education; and ii. to present suggestions of pedagogical practices aimed at the learning of EL related to the objectives of early childhood education. As a theoretical apparatus, we used Crystal (2003), Cameron (2001), BNCC (2018), Lei de Diretrizes e Bases (1996), Ortiz (2003) among others. Moreover, this research is categorized as documentary insert in the qualitative paradigm of research. In conclusion, we realized that English has been conquering its space in early childhood education with good results and that, despite not being included in the childhood education curriculum, it can be taught to children.

Key words: Childhood Education; Teaching; English.

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: deborah.martins@aluno.uepb.edu.br

² Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Campina Grande, Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Email: jessicatsneves@servidor.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O inglês é considerado uma língua global, visto que há milhões de pessoas falantes desse idioma por todo o mundo, como afirma Crystal (2003). Além disso, no Brasil, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), a Língua Inglesa (doravante LI) assumiu o *status* de língua franca, isso significa que ela é a língua comum utilizada para se comunicar com grupos sociais diferentes, permitindo a interculturalidade. Essas características (global e franca) são reflexo de uma sociedade em que a LI tem conquistado seu espaço não só entre os adultos, mas também com as crianças. Vivemos numa sociedade tecnológica, na qual desde cedo as crianças podem ter contato com a LI através de vídeos, músicas, aplicativos, etc. O contato com a LI está presente não somente na *internet*, mas na vida cotidiana.

Entretanto, é estabelecido, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que o ensino da LI é facultativo no ensino infantil, sendo ensinada obrigatoriamente apenas no 6º ano do ensino fundamental, quando a criança já está entrando na fase da pré-adolescência entre 11-12 anos. Por ser facultativo, notamos a ausência da menção da LI nos documentos normativos na etapa da educação infantil, principalmente na BNCC, documento que regulamenta as aprendizagens essenciais dos alunos, o que leva ao pouco investimento dos governantes na implementação das aulas de inglês no ensino infantil para crianças pequenas (antes dos 10 anos), além de afetar a formação de professores de Letras Inglês que sejam aptos para ensinar na educação infantil. Todavia, o foco do nosso estudo é o ensino da LI nas escolas.

Além disso, há inúmeras pesquisas que mostram que quanto antes um indivíduo adquire a língua estrangeira, melhor, como sugerem os autores Cameron (2001), Crystal (2003), Santos (2005), Figueiredo (2019), Del Ré (2006), Marinho (2021), etc. Ademais, atualmente, temos um amplo acervo de materiais, vídeos e músicas para as crianças disponíveis na *internet* e nos livros que podem ser utilizados pelos professores. Como professora da educação infantil bilíngue e concluinte do curso de Letras Inglês percebo uma contradição a respeito do ensino da LI para crianças no Brasil pois mesmo com a influência do inglês na nossa sociedade pouco se fala sobre a sua inclusão nos documentos de orientação docente.

Por isso, como objetivo geral deste estudo iremos refletir sobre as possibilidades de ensino de LI na educação infantil a partir da BNCC, especificamente i. identificar os objetivos dos campos de experiência voltados à educação infantil descritos na BNCC; e ii. apresentar sugestões de práticas pedagógicas destinadas à aprendizagem de LI relacionadas aos objetivos da educação infantil.

Para alcançar nossos objetivos o artigo está dividido em três partes, na primeira refletimos sobre as possibilidades de ensino de LI na educação infantil com base nos autores Cameron (2001), Crystal (2003), Ortiz (2003), Santos (2005), Santos (2011), Figueiredo (2019) e Marinho (2020). Na segunda parte, fizemos uma análise dos objetivos dos campos de experiências da BNCC fazendo sugestões e reflexões sobre o uso da LI nestas etapas e por fim, na terceira parte trouxemos as considerações finais. Dessa forma, esta pesquisa é categorizada como documental, pois fazemos o uso documentos governamentais na nossa análise e está inserida no paradigma qualitativo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente seção apresentamos a fundamentação teórica utilizada para embasar nosso estudo. Para isso, utilizaremos Cameron (2001), Crystal (2003), Ortiz (2003), Santos (2005),

Santos (2011), Figueiredo (2019) e Marinho (2020). Além desses autores, utilizamos documentos legais como a BNCC (2018), a Lei de Diretrizes e Bases (1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) para fundamentar a construção histórica das leis curriculares e normativas da educação infantil.

Essa seção está subdividida em I) o inglês como língua global e franca; II) o contexto de ensino da LI na educação infantil no Brasil e III) importância do ensino da LI na educação infantil.

2.1 O inglês como língua global e franca

A LI assume o título de língua global por estar presente em inúmeras sociedades ao redor do mundo. Podemos encontrá-la em seriados, músicas, jogos, redes sociais, marcas de roupas e calçados e em uma infinidade de lugares, a lista é muito vasta. Cada vez mais as pessoas são expostas a esse idioma, desde muito cedo, de forma que temos contato com a LI praticamente todos os dias. Por essa razão, o professor e escritor Renato Ortiz (2003) afirma que “a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada” (ORTIZ, 2003, p. 5), enfatizando que o inglês é um idioma global.

Uma língua estrangeira, especificamente o inglês, abre portas para a comunicação com o mundo, com outras culturas e conseqüentemente para o mercado de trabalho. No Brasil, o status da língua inglesa vem aumentando consideravelmente, e os meios digitais têm forte influência nesse crescimento; boa parte da população brasileira possui um aparelho eletrônico com acesso à internet, sendo assim, não só os pais, mas também as crianças têm este acesso. As plataformas *Youtube*, *Tiktok* e *Instagram*, por exemplo, já são populares no país e permitem que as crianças, através dos perfis criados pelos pais, tenham contato com diversos conteúdos até mesmo em diferentes línguas.

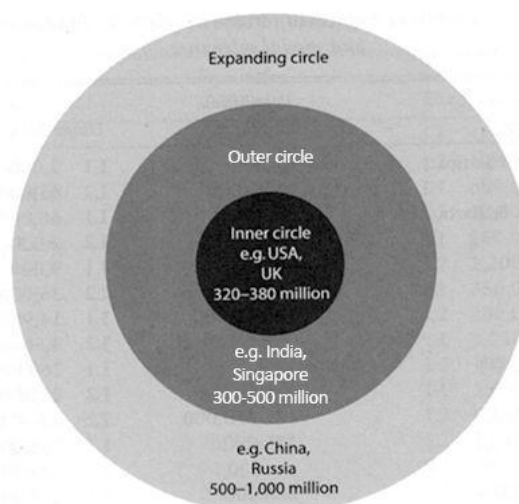
Para o linguista David Crystal (2003), uma língua estrangeira pode ser considerada global em duas situações: primeiro, quando assume o lugar de língua oficial no país; sendo considerada como segunda língua. Atualmente, cerca de 70 países se encaixam nessa situação. Segundo, como é o caso do Brasil, quando essa língua se torna uma prioridade no país mesmo que ainda não seja legalmente oficial. Ou seja, podemos considerar uma língua global quando esta é a língua estrangeira mais ensinada e mais acessível no país; aquela que as crianças são ensinadas na escola e que os adultos - por diversos motivos - procuram aprender. Dessa forma, quando a língua em questão começa a adquirir o status de poder, ela conquista um espaço privilegiado na sociedade onde os cidadãos querem e precisam aprendê-la. De acordo com Crystal,

Sem uma base de poder forte, qualquer que seja o tipo, nenhuma língua pode progredir como um meio internacional de comunicação. A língua não tem existência independente, vivendo em um tipo de espaço místico longe das pessoas que a falam. A língua existe apenas nos cérebros e bocas e ouvidos e mãos e olhos dos seus usuários. Quando eles têm sucesso, no palco internacional, a sua língua tem sucesso. Quando eles falham, a sua língua falha. (CRYSTAL, , 2003, p. 24, tradução nossa)³

³ Original: “Without a strong power-base, of whatever kind, no language can make progress as an international medium of communication. Language has no independent existence, living in some sort of mystical space apart from the people who speak it. Language exists only in the brains and mouths and ears and hands and eyes of its users. When they succeed, on the international stage, their language succeeds. When they fail, their language fails.” (CRYSTAL, 2003, p. 24)

No caso da LI, é notável que ela conquistou o sucesso mencionado por Crystal (2003). A relação de poder e privilégio que o inglês assumiu nos remete à potência mundial que os Estados Unidos da América se tornaram, estabelecendo a influência da LI no mercado de trabalho e na sociedade. Ao discutir sobre isso, a primeira impressão que se pode ter é que se a potência mundial tem inglês como língua-mãe ou vernáculo, é de lá que vem a maioria dos falantes. Entretanto, na verdade, a maioria dos falantes são estrangeiros, como é possível ver no círculo criado pelo linguista inglês Kachru (1988):

Figuras 1: Círculo de Kachru



Fonte: Kachru (1998 *apud* CRYSTAL, 2003, p. 61)

Os círculos são divididos em *inner* (o menor), *outer* (o médio) e o *expanding* (o maior-em expansão). O menor se refere aos falantes nativos da língua inglesa, cerca de 380 milhões; no médio, os falantes de inglês como segunda língua oficial, cerca de 500 milhões; e o maior, representando a maior quantidade de pessoas estão os falantes estrangeiros, onde a língua não é oficial, mas se faz presente. É nesse contexto que o Brasil está situado.

Nesse sentido, observamos que no Brasil somos expostos a língua, como mencionado no início desse tópico, principalmente por meio das músicas, vídeos, jogos e redes sociais. Por isso, na atualização mais recente da BNCC (BRASIL, 2018), a LI passou a ser reconhecida no nosso país como língua franca, ou seja, uma língua que promove a interculturalidade. Essa mudança traz um novo olhar sobre o inglês, pois ele deixa de ser considerado língua estrangeira para ser adotado como a língua escolhida para comunicação comum entre pessoas da mesma ou de diferentes culturas, valorizando ainda mais o idioma no nosso país. Além disso, reforça a ideia mencionada no círculo de Kachru, que a maior parte dos falantes da LI não são de países nativos do inglês. Na educação, essa mudança traz motivações significativas para o ensino-aprendizagem da LI. Como está escrito no capítulo sobre Língua Inglesa na BNCC:

Mais ainda, o tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, conseqüentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais. Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de

linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo. (BRASIL, 2018).

Sabendo da condição do inglês como língua franca e do seu crescimento no Brasil, é necessário que o ensino dessa língua aconteça desde a base, logo, nos anos iniciais de aprendizado, assegurando uma melhor aprendizagem da língua nos anos posteriores. No próximo capítulo, iremos discorrer brevemente sobre o contexto histórico do ensino de LI na educação básica no Brasil.

2.2 Breve contexto da educação infantil no Brasil e do ensino de Língua Inglesa

Observando o cenário brasileiro do ensino infantil, de forma geral, sabemos que não existe obrigatoriedade do ensino de inglês para crianças, porém grande parte das escolas particulares adotam o ensino da LI desde os anos iniciais, de 4-5 anos ou antes, diferentemente das escolas públicas municipais e/ou estaduais, onde a minoria que oferece aulas de inglês na educação infantil. Sabendo disso, questionamos: quais as implicações da falta de inclusão da LI nas escolas? Para isso, precisamos saber como funciona o sistema educacional no Brasil.

De acordo com a LDB (BRASIL, 1996), a educação escolar no Brasil é dividida em educação básica e educação superior. Na educação básica temos a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, essas etapas constituem mais de 12 anos da vida de uma pessoa. Nesse artigo focaremos apenas na etapa da educação infantil.

Em 1988, foi instituído pela Constituição Federal que o atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 5 anos de idade é dever do Estado. Sendo assim, atualmente, a Educação infantil é formada por crianças de 0 a 3 anos e 11 meses e a pré-escola com crianças de 4 a 5 anos e 11 meses, sendo obrigatória apenas para crianças a partir dos 4 anos, de acordo com a Emenda Constitucional nº 59/2009⁴. O surgimento desse ambiente se deu primeiramente para atender as crianças de baixa renda como forma de solucionar ou amenizar os problemas vividos pelas crianças e também para facilitar a ida dos pais ao trabalho, uma vez que eles precisam sair para trabalhar e não podem deixar as crianças sozinhas. Sendo assim, observamos que, de início, a intenção não era predominantemente oferecer um ambiente educativo e sim prover necessidades básicas de sobrevivência para as crianças. Como está escrito no RCNEI (BRASIL, 1998):

O uso de creches e de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças foi, durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficientes, escassez de recursos materiais; precariedade de instalações; formação insuficiente de seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto. (BRASIL, 1998 p.17)

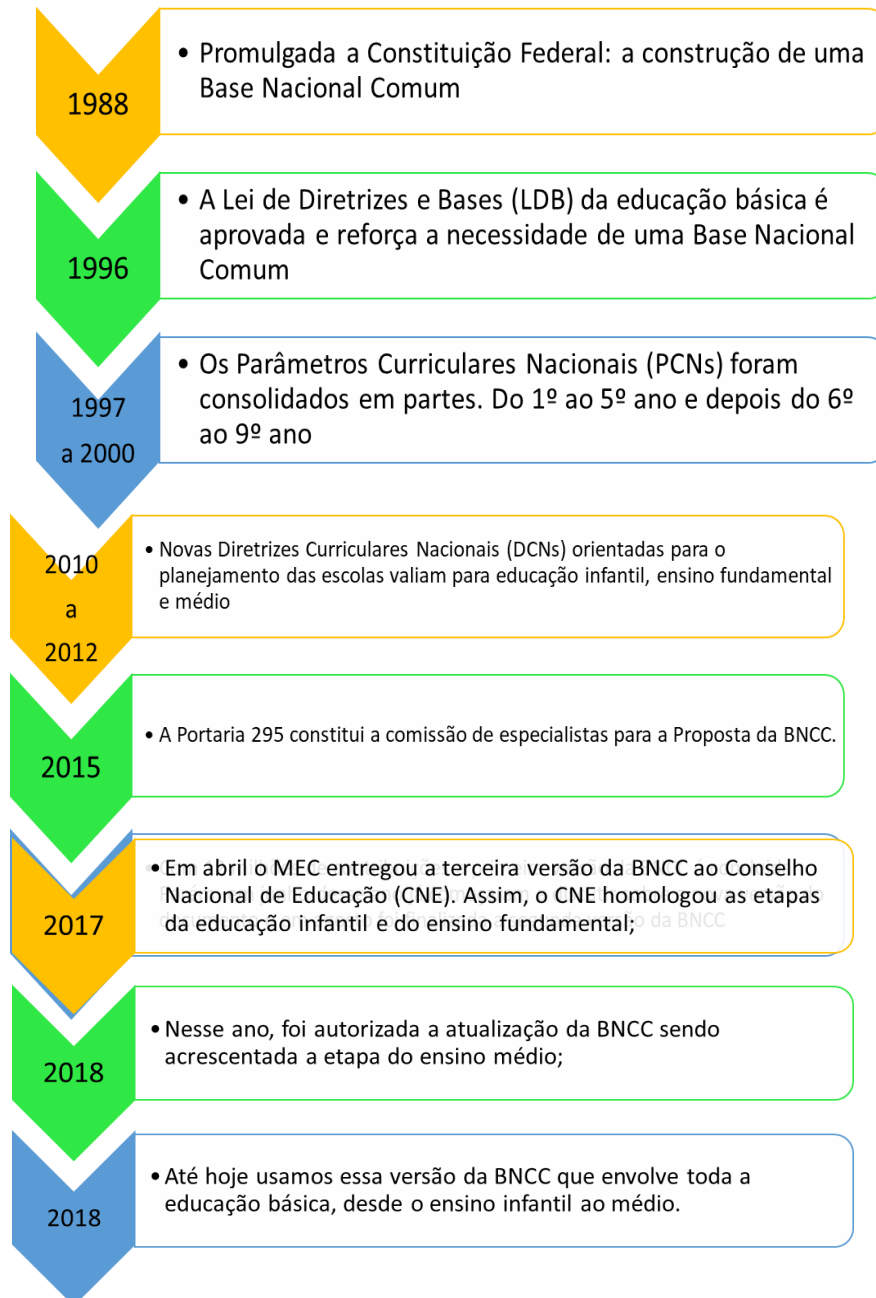
Apenas em 1996 a educação no ensino infantil deixou de estar em segundo plano para se tornar oficialmente integrante da Educação Básica. Para tanto, era necessário um currículo que orientasse o padrão de ensino da EI, assim, dois anos depois, em 1998 foi criado o RCNEI. Esse referencial é de caráter sugestivo e não obrigatório que serve para elaboração de propostas educativas na educação infantil com orientações e objetivos de aprendizagem. Depois disso, em 2009 foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- DCNEI (BRASIL, 2009), este documento colocava a criança em foco no processo de aprendizagem e além disso serviu como fundamentação teórica para a BNCC (BRASIL, 2018), que foi homologada pela primeira vez em 2016, sendo um documento normativo de

4 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm>

grande importância para o ensino, pois rege a educação básica no Brasil, desde a etapa da educação infantil até o ensino médio. A BNCC passou por algumas transformações ao longo dos anos, sendo a mais recente em 2018.

Abaixo vemos um esquema cronológico que mostra as etapas legislativas da educação até chegar à BNCC; foram mais de 30 anos no processo de criação de leis e propostas pedagógicas para que pudéssemos ter o documento atual que normatiza a educação básica no Brasil:

Figuras 2: Linha do tempo dos documentos oficiais



Fonte: elaborado pela autora.

Contudo, sobre o ensino de língua estrangeira no Brasil, é sabido, que surgiu em 1809, com Dom João VI que decretou obrigatório o ensino da língua inglesa e francesa com

intenções voltadas para a economia, facilitando a comunicação com a Inglaterra e França, pois, estrategicamente, essa comunicação abriria portas para o Brasil se relacionar com esses países considerados potências econômicas (SANTOS, 2011). Sendo assim, observamos que antes mesmo de existirem leis que unificassem a educação no Brasil, o ensino da LI já era obrigatório. Todavia, quando a educação infantil foi inserida na educação básica, não foi levado em consideração a introdução do ensino de língua inglesa.

Atualmente, como mencionado anteriormente, o ensino de inglês é obrigatório apenas a partir do 6º ano; nesta série, os alunos têm a faixa etária entre 11 e 12 anos (BRASIL, 1996). Em contrapartida, a BNCC, na versão mais recente, atualizada em 2018, afirma que a língua inglesa no Brasil é considerada língua franca, como foi discutido no capítulo anterior, e que aprendê-la estimula a participação social num mundo que está cada vez mais globalizado. Sendo assim, o que se entende é que a globalização atinge todas as faixas etárias, não apenas as mais velhas, como também os anos iniciais. Por isso, Santos (2011) aponta que há uma contradição na forma em que o ensino de língua inglesa é tratado na educação infantil, como se tratassem da língua estrangeira em países diferentes, onde em um país a língua é valorizada e em outro ela não é. Dito de outra forma, para as crianças, na educação infantil, essa língua não é tratada como importante.

Ao fazer a leitura dos documentos oficiais que regem a educação infantil brasileira e comparar com o capítulo de educação infantil na BNCC, percebemos a concretização do que Santos (2011) afirma. Em um momento, consideram a comunicação e a interação com outras culturas e linguagens importantes para o desenvolvimento da criança, já em outro, o ensino da atual língua franca não é mencionado.

Apesar de não ser o foco da nossa pesquisa, é importante mencionar que a falta do ensino de língua estrangeira no ensino infantil nas escolas públicas produz uma desigualdade, onde crianças da mesma faixa etária, participantes da mesma sociedade, recebem oportunidades diferentes, a menos que os pais do aluno possuam condições financeiras suficientes para pagar um curso de idiomas, o que geralmente não acontece devido aos custos da mensalidade e material.

Além disso, sabemos que os alunos de escolas públicas e particulares precisam obrigatoriamente cursar a disciplina de LI do 6º ano em diante. Conforme está escrito na LDB (BRASIL, 1996), no artigo 26, parágrafo V, deve ser ofertado o ensino de língua inglesa a partir do 6º ano do ensino fundamental. Antes do ano de 2017 essa exigência não especificava o idioma, podendo ser inglês ou espanhol, porém depois da atualização fica estabelecido a inserção da LI no currículo. Dessa forma, é mais provável que aquele que esteve em contato com a língua há mais tempo tenha um melhor desenvolvimento no idioma.

Não queremos tratar esse fator como determinante, mas como influente na desigualdade no presente e no futuro, podendo impactar até mesmo nos resultados de uma possível aprovação na universidade com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em suma, vivenciamos um cenário no qual os alunos iniciam tardiamente o estudo do inglês nas escolas e ao fim da educação básica é cobrado que eles possuam uma boa quantidade de competências e habilidades, por estes motivos, enfatizamos a importância da LI desde os anos iniciais de aprendizagem.

2.3 A importância do ensino de LI na educação infantil

Atualmente, no Brasil, a LI assume uma posição muito importante como vimos anteriormente, por isso, as escolas têm buscado se adequar a essa demanda para oferecer aulas de inglês. De acordo com uma reportagem da revista Terra publicada em novembro de 2021, as escolas com programa bilíngue aumentaram entre 6% e 10% em um período de 5 anos

desde 2014. Além disso, na mesma reportagem, Lueli Ceruti (2021), gestora do programa *Thomas Bilingue for Schools*, considera que a alta dessas escolas cresceu quando os brasileiros se deram conta da importância de se dominar uma segunda língua. Segundo Ceruti (*op. cit.*); tanto os pais quanto os filhos se interessam por aprender o idioma pelas oportunidades de acesso à cultura, conhecimento e até mesmo de trabalho que a segunda língua pode oferecer. Porém, não apenas isso. Diante disso, podemos perceber que a sociedade tem se orientado para a importância do conhecimento da LI e as escolas ganham destaque quando oferecem o ensino do idioma para a educação infantil. Portanto, qual seria a razão da preferência pelo ensino do inglês na educação infantil?

A infância é o período de formação do indivíduo. Enquanto crianças, tanto nosso cérebro quanto nosso corpo ainda não alcançaram a maturidade necessária, sendo assim, estamos em processo de construção. Consequentemente, as crianças têm capacidade de absorver e desenvolver habilidades orais de forma mais fluida que os adultos. Segundo Vygotsky (1998 *apud* FIGUEIREDO, 2019, p.17), “aprendizado e desenvolvimento estão inter relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”, ou seja, a criança já está aberta à aprendizagem desde o nascimento, tendo isso em vista, na visão de Vygotsky, essa evolução da aprendizagem é mediada por um adulto, que podem ser pais, familiares ou professores. De acordo com a DCNEI a criança é um

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009; p.12).

É na fase da infância que a criança se encontra mais receptiva a interação e novos saberes. Quando falamos sobre aprendizagem⁵ de uma segunda língua, ou LE, todas as definições citadas acima na DCNEI (BRASIL, 2009) são consideradas, principalmente considerando a Teoria sociocultural de Vygotsky, pois ele vê a criança como um participante ativo na construção da aprendizagem da LE, em que a interação proporciona tanto a recepção das palavras (*input*) como a produção linguística (*output*) conforme pontua Figueiredo (2019, p.61)

Em conformidade com o que foi dito, Marinho (2021) aponta que permitir o ensino de línguas para o público infantil “facilita consideravelmente o desenvolvimento de sua competência linguística nesse idioma, bem como em sua língua materna” (p.15). Isto é, quanto mais a criança é exposta a contextos de fala e interação com a língua estrangeira, nesse caso a LI, melhor. Essa facilidade acontece devido a elasticidade cerebral que as crianças possuem. Sobre isso, Mackey (1983 *apud* VENTURI, 2006, p.123) comenta que quanto mais velho o aprendiz, menos flexibilidade existe para a aquisição de um novo idioma. Ou seja, não é impossível, porém o aluno adulto terá mais dificuldade de diferenciar as estruturas da LE e da língua materna podendo gerar confusão no entendimento, se a associação das duas línguas for recorrente.

Não queremos afirmar aqui que o ensino e aprendizagem da LI para jovens ou adultos é ineficaz, pelo contrário, sabemos que muitas pessoas iniciam cursos de línguas muito tempo depois da infância -inclusive na terceira idade- e se desenvolvem muito bem. O que queremos afirmar, é que segundo Marinho (2021), expor as crianças à língua alvo, respeitando o tempo de desenvolvimento de cada uma, facilitará o desenvolvimento da aquisição na LI e além disso, irá oferecer as competências orais linguísticas de *input* e *output*, ou seja, de captação e produção da fala.

⁵ Há discussões teóricas sobre a diferença dos termos “aquisição” e “aprendizagem”, sendo aquisição o processo natural de adquirir a fala e aprendizagem o processo intencional, como o que acontece nas escolas. Neste trabalho utilizamos os dois termos possuindo a consciência da distinção que há entre os dois.

Nesse sentido, os linguistas Cameron (2001) e Crystal (2003) apontam para a necessidade e importância de se iniciar a aprendizagem de uma LE desde cedo. Primeiro, vejamos o que Crystal (2003) pontua sobre o ensino da LI nos anos iniciais:

Se uma língua global é ensinada suficientemente cedo, desde quando a criança inicia sua educação integral, e se o ensino é mantido continuamente e com bons recursos, o tipo de competência linguística que surge devido a isso é um real e poderoso bilinguismo, indistinguível do que se pode encontrar em qualquer falante que conheceu a língua desde o nascimento. (CRYSTAL, 2003, p. 16, tradução nossa).⁶

É importante salientar que Crystal (op. cit.) menciona o ensino continuado. Sendo assim, ele surge na infância e vai se aprimorando continuamente, sem tempo determinado para acabar, já que a língua é viva e passa por modificações no decorrer do tempo. Se unirmos a capacidade mental de aquisição da criança com um ensino de LI efetivo e lúdico, somado a instrução continuada, teremos o “real e poderoso bilinguismo” ao qual Crystal se refere.

Contudo, no Brasil, ainda não vemos comprometimento suficiente com o ensino da LI na educação infantil, visto que a obrigatoriedade de ensino passa a surgir apenas no 6º ano do ensino fundamental. Neste sentido, sabemos que as crianças, possuindo ou não aulas de inglês no ensino infantil terão que obrigatoriamente atender as aulas de LI no 6º ano, porém, de acordo com Cameron (2001), se as crianças tivessem acesso à LI anteriormente ao ensino fundamental o resultado de aprendizagem seria diferente.

As crianças que aprendem uma língua por vários anos irão ingressar na fase secundária da educação tendo um vocabulário razoável, um repertório de frases que podem funcionar na conversação, com habilidades de compreensão e participação no discurso e com habilidades básicas de alfabetização. Além disso, uma turma de alunos de língua estrangeira, no primeiro ano do ensino secundário, conterà alunos em vários níveis de proficiência na língua. (CAMERON, 2001, p. 245).

Deste modo, compreendemos que é importante que a criança seja exposta à LI desde cedo, pois isso possibilitará a consistência na aquisição da linguagem, além disso, tornará contínuo o processo de aprendizagem, o que não é a realidade para muitos que começam a ter aulas de inglês apenas no ensino fundamental. A BNCC (BRASIL, 2018; p. 241) reforça essa importância quando afirma que “aprender uma nova língua propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural”. Iniciar o ensino da LI desde a educação infantil irá refletir no futuro das crianças, pois, dessa forma, toda a educação básica estará unida. Contudo, acreditamos que ainda não vivemos esse tempo de continuidade de ensino da LI na educação básica enquanto o público infantil estiver de fora.

Com isso, na próxima seção iremos iniciar com uma análise dos objetivos dos campos de experiências da BNCC fazendo sugestões e reflexões sobre o uso da LI para cada campo de experiência.

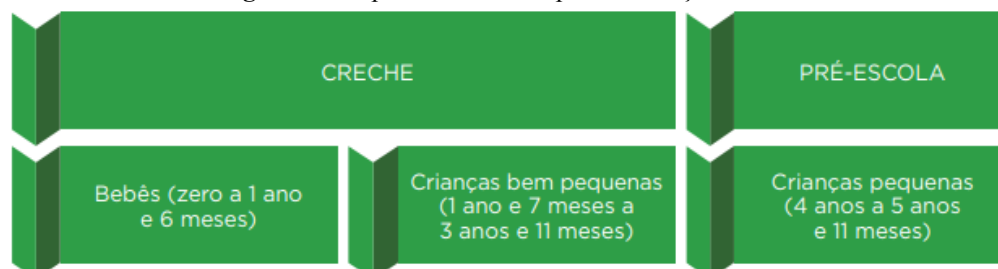
3 BNCC E SUGESTÕES DIDÁTICAS DE ENSINO DA LI

Nesta seção oferecemos sugestões de ensino através dos objetivos dos campos de experiência da BNCC na sua versão mais atual. A BNCC da educação infantil é dividida entre

⁶ Original: “If a global language is taught early enough, from the time that children begin their full-time education, and if it is maintained continuously and resourced well, the kind of linguistics competence which emerges in due course is a real and powerful biligualism, indistinguishable from that found in any speaker who has encountered the language since the birth”. (CRYSTAL, 2003, p. 16).

1. A etapa da Educação Infantil; 2. Os campos de experiência; 3. Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a educação infantil; e 4. A transição da Educação infantil I para o Ensino Médio. Essa etapa atende crianças de 0 a 5 anos, porém os objetivos são categorizados em três grupos por faixa etária, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 3: Grupos etários na etapa da educação infantil



Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p. 44)

Desconsideraremos, portanto, a nomenclatura educação “pré-escolar” tendo em vista que no mesmo documento é mencionado que esse termo era utilizado no Brasil até a década de 1980 e expressava o entendimento de que a Educação Infantil não fazia parte da escolarização, a excluindo da educação formal. (BRASIL, 2018; p.35)

Para essa pesquisa utilizamos o tópico 2: Os campos de Experiências. Em cada campo trataremos os objetivos mais pertinentes que, de alguma forma, se relacionam com a LI e faremos sugestões e reflexões sobre elas. Entenderemos nas subseções o que são os campos de experiência e qual sua importância para o desenvolvimento da criança na educação infantil.

4.1 A etapa da educação infantil e os campos de experiências

Na educação infantil, segundo a BNCC, devem ser considerados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são condições que favorecem a aprendizagem ativa das crianças. Esses direitos de aprendizagem são eixos estruturantes do ensino para crianças e são categorizados da seguinte maneira (BRASIL, 2018; p.40):

Quadro 2: Tabela dos direitos de aprendizagem da educação infantil

| | | |
|-----------------|------------------|--------------------|
| Conviver | Brincar | Participar |
| Explorar | Expressar | Conhecer-se |

Fonte: elaborado pela autora com base na BNCC

Dessa forma, é assegurada a intencionalidade educativa nas práticas pedagógicas da educação infantil. Referente aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, são colocados cinco campos de experiências. Nesses campos são definidos os objetivos de aprendizagem, conforme consta no quadro a seguir:

Quadro 3: Tabela dos campos da experiência

| | | | | |
|---------------------------------|---------------------------------------|--|--|---|
| I) O eu, o outro e o nós | II) Corpo, gestos e movimentos | III) Traços, sons, cores e formas | IV) Escuta, fala, pensamento e imaginação | V) Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações |
|---------------------------------|---------------------------------------|--|--|---|

Fonte: elaborado pela autora com base na BNCC (BRASIL, 2018).

Para cada campo mencionado, existe uma lista de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesta pesquisa utilizaremos apenas alguns objetivos, sabendo que todos eles estão disponíveis para consulta no documento oficial da BNCC disponibilizado na *internet* pelo MEC⁷.

O campo denominado “**O eu, o outro e o nós**” destaca as experiências de construção da identidade da criança e dos outros por meio da interação. Nesse campo estão relacionados os conceitos de respeito, autoconhecimento, diversidade, empatia, reciprocidade e autocuidado. É nas relações sociais com a família, escola e comunidade que a criança vai criando as percepções de pluralidade e aprende a se conhecer e conhecer outros indivíduos, é onde eles “constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais” (BRASIL, 2018. p. 42). Dentre os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento nesse campo, estão:

Figura 4: Objetivos dos campos de experiência “O eu, o outro e o nós”

**CAMPO DE EXPERIÊNCIAS
“O EU, O OUTRO E O NÓS”**

| OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO | | |
|---|--|---|
| Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) | Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) |
| (EI01EO04) Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras. | (EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender. | (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos. |
| (EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso. | (EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças. | (EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive. |

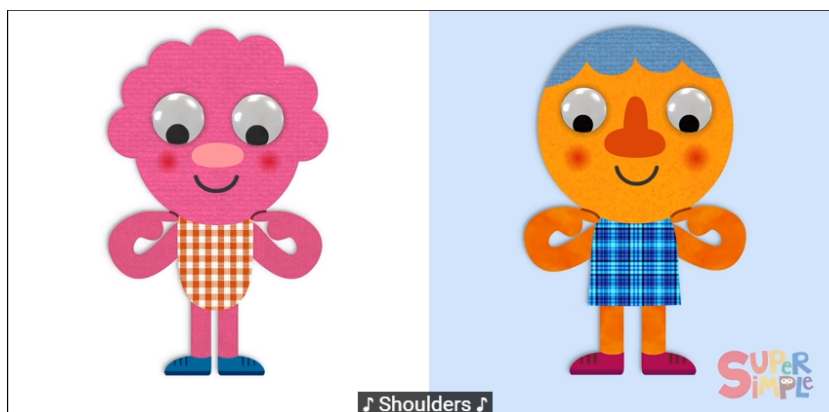
Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p.45)

É possível trabalhar a LI nesse campo. Assuntos como as partes do corpo humano, sentimentos e perguntas básicas como “*What’s your name?*”. Cantigas infantis, também conhecidas como *nursery rhymes* podem ser úteis no ensino. Além disso, essa experiência fala sobre conhecer as diferenças; é possível apresentar às crianças que existem pessoas falantes de outro idioma, por exemplo, fornecendo aos aprendizes contato com a LE. Apesar de ser possível atingir esses objetivos nas aulas de LI, nada se fala sobre a mesma.

Incentivar a consciência corporal da criança. Iniciar com a canção “Me!” da *Super Simple Songs*. Essa música fala o nome de várias partes do corpo, sendo assim, as crianças poderão ouvir e acompanhar a letra junto com o(a) professor(a).

⁷ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Figura 5: Musica “Me” Super Simple Song



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rsxhDjZ8kk>. Acesso em: 20 de ago 2022.

Depois da música, com tinta, folhas de papel ofício e com a mediação do(a) professor(a) as crianças podem fazer um *hand print* na folha. As crianças podem escolher a cor que querem usar e o professor deve permitir esse momento de autoconhecimento e experiência sensorial.

No campo de experiências chamado “**Corpo, gestos e movimentos**” como o nome indica, trata das situações em que as crianças usam o corpo para aprender, explorar e conhecer novas coisas, como por exemplo, nos momentos de brincadeira. As crianças podem usar o corpo para se movimentar, correr e fazer gestos. Elas “exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro (...)” (BRASIL, 2018; p.43). A dança, música, fantasia, mímica e todos os elementos que promovem consciência corporal estão inclusos nesse campo. São exemplos de objetivos desse campo:

Figura 6: Objetivos do campo de experiências “corpo, gestos e movimentos”

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

| OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO | | |
|---|--|--|
| Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) | Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) |
| (EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos. | (EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras. | (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música. |
| (EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes. | (EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas. | (EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades. |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p.46)

Há várias possibilidades para se trabalhar com esse campo de experiências na LI. Cantigas de roda e brincadeiras podem ser levadas para a sala de aula para ajudar a aprender brincando, se movimentando e a adquirir vocabulário. Sem contar as músicas que estão disponibilizadas nas plataformas digitais, principalmente no *YouTube*.

Utilizar a canção “Head, Shoulders, Knees and toes” de Super Simple Songs, que também é conhecida na língua materna como “cabeça, ombro, joelho e pé”. As crianças devem acompanhar os movimentos e apontar para os respectivos lugares do corpo conforme a letra da música. Depois disso, em um espaço aberto da escola pode ser feita a brincadeira *Up and Down* (também conhecida como Morto-Vivo) com a mediação do(a) professor(a).

O próximo campo é o “**Traços, sons, cores e formas**” que envolve formas de expressão e linguagens com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas. Através da pintura, modelagem, colagem, fotografia etc. as crianças podem desenvolver a sensibilidade artística e criativa, favorecendo a expressão e permitindo que “se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades” (BNCC, 2018; p. 43). Alguns objetivos são:

Figura 7: Objetivos do campo de experiências “traços, sons, cores e formas”

**CAMPO DE EXPERIÊNCIAS
“TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS”**

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

| Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) | Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) |
|--|--|---|
| (EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente. | (EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música. | (EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas. |
| (EI01TS02) Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas. | (EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais. | (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais. |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p.48)

Uma forma interativa e divertida de aprender inglês é utilizando massa de modelar, assim, as crianças podem se divertir e usar a criatividade expressando-se através das cores e formas. No momento da brincadeira elas podem receber vocabulário das cores (*blue, pink, yellow...*) e também das formas (*ball, square, heart, etc.*). Para os bebês, pinturas com lápis de colorir e tinta são lúdicas e bem vindas utilizando dos mesmos critérios de aquisição de vocabulário enquanto vão colorindo a atividade.

Temos também a experiência de “**Escuta, fala, pensamento e imaginação**” reforçando a comunicação e interação social. Como está escrito:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL,2018; p.44).

Atividades como contação de histórias e leitura dos mais diversos gêneros literários que reforçam a fala e a escuta possuem um papel importante no desenvolvimento da aprendizagem. Além disso, os professores, como mediadores, podem apresentar as letras, ajudar as crianças a diferenciar o que está escrito nas ilustrações e até mesmo ajudar as crianças a manipular o livro da forma correta (folheando), e assim, gerar mais interesse pela leitura. Há histórias infantis com vocabulário simples e acessível que podem ser utilizadas em sala de aula. A leitura em voz alta é importante para o desenvolvimento cognitivo da criança; nesses momentos é despertada a curiosidade e a imaginação, principalmente se o livro possui ilustrações. Todavia, alguns livros são caros e nos contextos de escola pública nem sempre os recursos chegam para a compra dos livros. Informar a diretoria quais livros se deseja trabalhar é uma tentativa, embora não tenha a garantia de sucesso.

Figura 8: Objetivos do campo de experiências “escuta, fala, pensamento e imaginação”

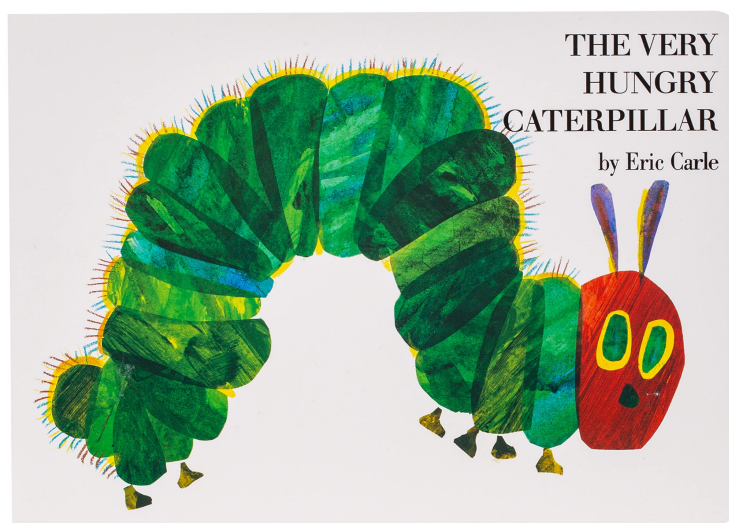
CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO”

| OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO | | |
|--|--|---|
| Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) | Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) |
| (EI01EF02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas. | (EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos. | (EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos. |
| (EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas). | (EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita). | (EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas. |
| (EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor. | (EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos. | (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história. |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p.49)

Como os bebês ainda estão em processo de produção da fala e as crianças bem pequenas ainda têm pouco vocabulário, é importante desenvolver a escuta e imaginação com livros de linguagem acessível para a idade delas e com gravuras como o livro *The Very Hungry Caterpillar* de Eric Carle.

Figura 9: Livro de Eric Carle



Fonte: Imagem do Google

Por último, temos a experiência intitulada **“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”**, nesse campo a criança adquire noções do mundo físico. Elas precisam ter noção do espaço onde vivem (casa, apartamento, rua, bairro) e do tempo (dia e noite, hoje, ontem, amanhã, etc); elas “demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.)” (BRASIL, 2018; p.42). Aqui são inseridos os conhecimentos matemáticos desde a contagem ao reconhecimento das formas geométricas.

Assim como mencionado nos outros campos, no último campo de experiências citado também há uma vasta possibilidade de execução na LI.

Como sugestão de prática para esse campo de experiência, uma boa estratégia seria levar os alunos para explorar a escola, dar uma volta para observar o clima, os detalhes, as plantas e cores pode colaborar com o reconhecimento dos espaços que eles vivem. Enquanto andam ao redor da escola, o(a) professor(a) vai apresentando os espaços na LI e narrando o percurso. Podem ir cantando uma música e parar em lugares específicos para observar o lugar. Apresentar os lugares como *“This is our classroom!”* ou *“This is our playground!”* conversando com as crianças.

Além disso, fazer atividades de *sorting objects* nas quais eles podem separar os objetos por tamanho ou cor e contar em inglês de 1 a 5 ou 1 a 10. A atividade deve ser guiada e mediada pelo professor.

Figura 10: Objetivos do campo de experiências “espaços, tempo, quantidades, relações e transformações”

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”

| OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO | | |
|---|---|---|
| Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) | Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) | Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) |
| (EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura). | (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho). | (EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades. |
| (EI01ET02) Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico. | (EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.). | (EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais. |

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018; p.51)

Como foi possível observar, todos os campos de experiências mencionados acima têm o propósito de fazer com que as crianças ampliem seus saberes e os apliquem na vida cotidiana. As crianças conseguem ser apresentadas ao conhecimento de forma criativa e lúdica, respeitando a sua individualidade de capacidade cerebral e tempo de concentração. Levando essas experiências para a aquisição da LI, os professores de inglês sabem que é possível atingir os objetivos propostos para a educação infantil também nas aulas de LI, como foi possível observar nas sugestões. A LI se encaixa em todos os campos das experiências, pois adquirir um novo idioma não impede a ludicidade e interatividade das aulas, principalmente para crianças, pelo contrário, ela favorece e adiciona novos conhecimentos. É a partir dos esquemas interacionais lúdicos que a criança desenvolve as funções linguísticas, comunicativas, gestuais e verbais (DEL RÉ, 2006)

Todavia, a contradição, conforme afirma Santos (2011), de saber a relevância da LI e não a incluir nas propostas de ensino é presente. A falta de inclusão da LI na educação infantil nos documentos normativos e de diretrizes curriculares, além de ter efeitos sobre o ensino na escola, se estende para os componentes acadêmicos sobre educação infantil em alguns cursos de licenciatura em Letras Inglês, por exemplo.

A falta da menção da LI em um documento normativo pode levar a crer que esse componente não é necessário para a criança, causando a falta de interesse nas Universidades como instrumento formador e nos governantes, que são os administradores e fornecedores dos investimentos para a escola. Por essa razão é comum visualizarmos situações, como por exemplo, de pedagogos ensinando inglês, porém, embora recebam instrução didático-pedagógica para trabalhar com crianças, não recebem formação para desenvolver sua competência linguística em LI (SANTOS, 2005) por esse motivo, torna-se necessário, então, contratar um professor de inglês para trabalhar na educação infantil e isso requer investimento de recursos. Além disso, esse fator se estende para as escolas particulares, pois a contratação de mais um profissional requer disponibilidade financeira.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), é preciso que haja equilíbrio na transição da educação infantil para o ensino fundamental, "garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças" (p.53). O saldo do pouco investimento para a LI na educação infantil é um ensino fundamental e médio sem continuidade porque há pouco

conhecimento da LI, pois não houve investimento enquanto se era criança, nem no professor nem no aprendiz. A responsabilidade desses efeitos recai sobre o professor, que tem que fazer uma espécie de malabarismo para conseguir ensinar o básico com pouco tempo na fase II do ensino fundamental e no ensino médio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho vimos que cada vez mais o inglês vem conquistando seu espaço no Brasil, especialmente no ensino para crianças, porém é um contexto complexo com dificuldades que envolve tanto a formação de professores quanto os órgãos superiores que formulam as leis e diretrizes da educação. Como mencionado nas seções anteriores, a BNCC considera o inglês como língua franca, ou seja, a língua estrangeira comum utilizada para a comunicação entre indivíduos. Além disso, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018) aprender uma nova língua propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, ou seja, aprender uma nova língua permite que o indivíduo conheça outras culturas e seja capaz de se relacionar, respeitar e entender sua individualidade.

A partir dessas reflexões, concluímos que é possível ensinar inglês para as crianças, mesmo sendo elas muito pequenas, tendo em vista a curiosidade que estimula o desenvolvimento, a abertura para novos saberes e o fator da elasticidade cerebral. Por isso, entendemos que as aulas de inglês para a educação infantil não podem ser negligenciadas, seja no contexto público ou privado, é preciso oferecer um ensino de qualidade para os pequenos.

Sendo assim, acreditamos que a inclusão da LI nos documentos oficiais para a educação infantil seja o pontapé inicial para esse segmento para que não haja uma quebra na transição da educação infantil para o ensino fundamental nos anos finais, cumprindo o que propõe a BNCC (BRASIL, 2018) de que se cumpra a “perspectiva de continuidade de seu percurso educativo” (p.53). Assim, espera-se que essa pesquisa contribua para as reflexões acerca do ensino de língua inglesa no Brasil, especialmente visando o público infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**: Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Diretrizes Nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Emenda constitucional nº 59**, de 11 de novembro de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de novembro de 2009, Seção 1, p. 8. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm>. Acesso em: 28 mai. 2022.

CAMERON, Lynne. **Language Teaching Library: Teaching Language to Young Learners**. Cambridge: Cambridge Press University, 2001.

CRESCER o número de escolas com programas bilíngue no Brasil. TERRA, 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/cresce-o-numero-de-escolas-com-programas-bilingue-no-brasil,98a283ce7ce31cfa8424de707cecf1894ak6tnl2.html>>. Acesso em: 28 mai 2022.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DEL RÉ, Alessandra. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, p. 13-44, 2006.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Vygotsky: a interação no ensino-aprendizagem de línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019

MARINHO, L. S. F. **O lugar cupado pelo público infantil na formação de docentes em Letras - Inglês**. 2021. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Inglesa).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

ORTIZ, Renato. **As ciências sociais e o inglês**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, p. 5-22, 2004.

SANTOS, L. I. S. **Crenças acerca da inclusão de Língua Inglesa nas séries iniciais: Quanto antes melhor?** Orientadora: Ana Antônia de Assis-Peterson. Cuiabá: UFMT, 2005. (Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem).

SANTOS, Eliana. **O Ensino da Língua Inglesa no Brasil**. *BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, Alagoinhas, n.01, dezembro, 2011.

VENTURI, Maria Alice. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, p. 113-134, 2006.

AGRADECIMENTOS

À Trindade Santa, Deus Pai, Filho e Espírito que estiveram sempre comigo em todos os momentos, me consolando, auxiliando e me levando aos caminhos corretos regados de amor e compaixão. Obrigada, Jesus, por sua graça e misericórdia que se renovam todas as manhãs, meus lábios te louvarão para todo sempre. A Deus seja a glória.

À minha família, por toda dedicação e cuidado, vocês são meu porto seguro. Minhas avós, meus tios, minhas tias, sempre me lembrarei do seu amor abnegado como exemplo, vocês fazem parte de todas as conquistas da minha vida. Eu os amo profundamente.

Ao meu pai, Clóvis (*in memoriam*), me recordo de ver você chegando em casa no final da tarde, depois de um dia cansativo de trabalho para garantir o sustento da nossa casa, com o corpo suado, vindo me abraçar e saber como eu estava. Essa conquista é sua também papai, mesmo que você não possa ver, obrigada por investir na minha educação, não foi em vão. Eu te amo para sempre.

À minha mãe, Fabricia, que é meu exemplo de serviço e amor. Obrigada porque mesmo depois de um dia atarefado com várias horas de trabalho você lia histórias para mim antes de dormir. Obrigada pelos abraços, pelos conselhos, pelas orações e pelas correções. Amo-te para sempre.

Ao meu noivo e futuro marido, Matheus, pelas palavras de incentivo. Esse processo se tornou muito mais leve por sua causa. Obrigada por influenciar positivamente em várias áreas da minha vida, eu mal posso esperar para nos tornarmos uma só carne. Amo-te para sempre.

À minha orientadora, Jéssica Thaiany, pela disponibilidade, paciência e pelas instruções que clarearam a minha mente a cada e-mail trocado ou reunião feita. Serei eternamente grata. Aos professores que passaram por minha vida durante a graduação que foram essenciais para minha formação, em especial à professora Karyne Soares, um exemplo de compromisso com a profissão e para com seus alunos e também à professora Daniela Gomes, a quem admiro pelo seu amor e comprometimento com a docência.

À Gilmara, Mízia, Renally e Thayná; meus dias na graduação foram mais divertidos com vocês, obrigada por tudo. Espero que continuemos a compartilhar nossas conquistas daqui para frente.

À todos meus amigos, colegas e familiares que não mencionei acima mas que estão sempre ao meu lado, compartilhando lutas e vitórias, muito obrigada. Seus nomes estão em meu coração e agradeço por suas vidas.